Acervo ISA

Waiãpi, o povo que deu certo

■ Caso raro no país, nação indígena do Amapá mantém a natureza preservada e a cultura intacta após contato com os brancos

GUILHERME FIUZA

"Um índio preservado em pleno corpo físico / Em todo sólido, todo gás e todo líquido / Em átomos, palavras, alma, cor, em gesto, em cheiro, em sombra, em luz, em som magnífico..." (Caetano Veloso)

AMAPARI, AMAPÁ — Não é lenda. Provavelmente em meados do século 18, o povo indígena Waiãpi abandonou a região do Xingu, no norte do Pará, e fez uma travessia épica do rio Amazonas (aparentemente impossível para suas canoas) rumo à região do Amapá. Como se tivessem previsto o mapa dos conflitos de terra na Amazônia, os Waiãpi fugiram do destino sombrio que encurrala a maioria dos índios brasileiros e se instalaram numa espécie de refúgio geográfico. Hoje, com suas matas preservadas, seus rios límpidos e sua cultura intacta, os Waiãpi são uma exceção étnica no país: uma nação indígena com passaporte para o futuro.

Caminhando com equilíbrio perfeito sobre uma trilha de troncos na mata alagada, o jovem índio Kumaré resume, sem olhar para onde pisa, a auto-suficiência de seu povo: "Waiãpi tem tudo na terra dele, muita comida, muita felicidade. Não precisa nada, não." Em português apenas suficiente, o depoimento raro de Kumaré tem tradução em sua robustez e serenidade de caçador, na beleza de sua mulher e saúde dos quatro filhos — em pleno fim de século, um índio que deu certo.

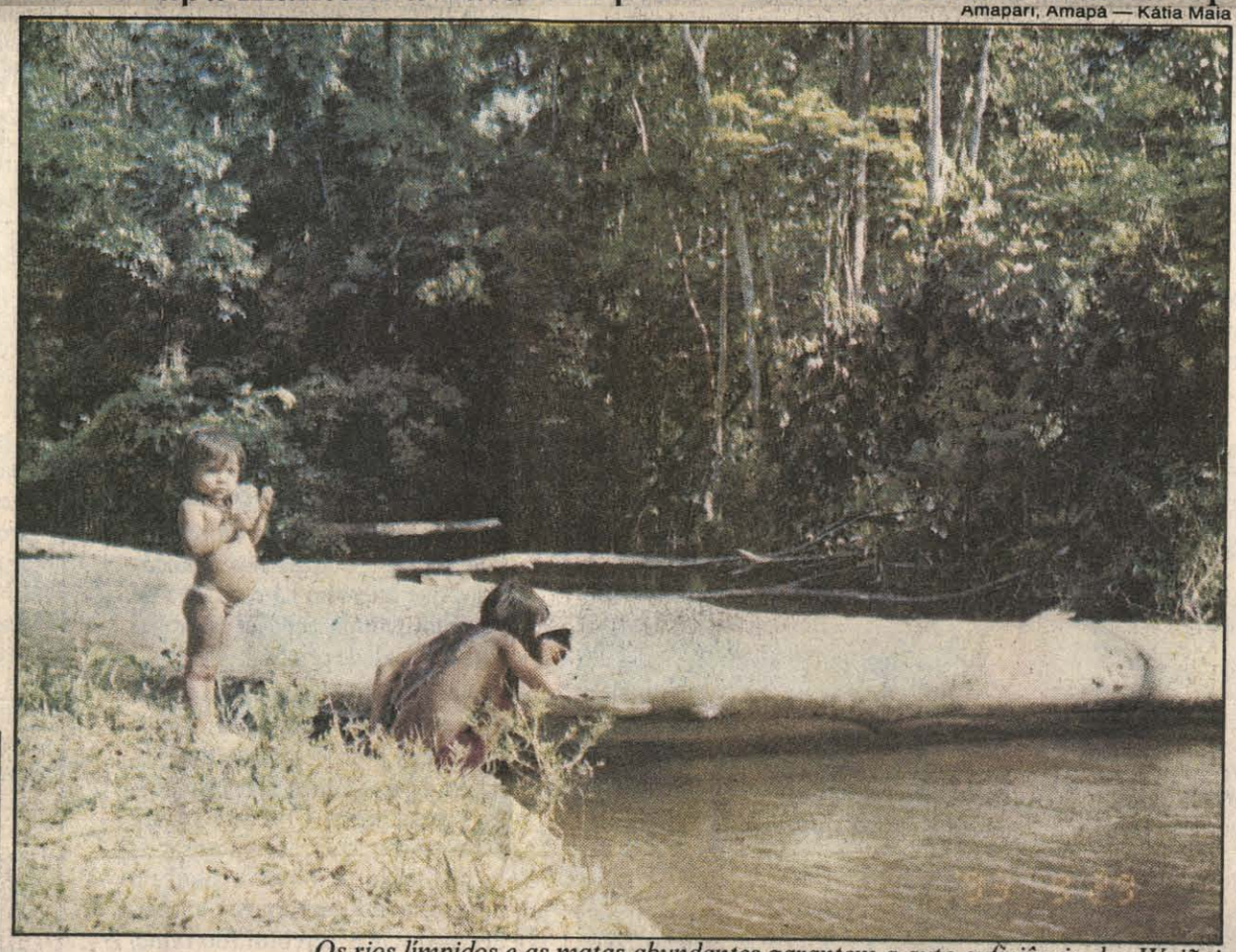
Autonomia — Em situação inédita em território nacional, os 543 mil hectares da Área Indígena Waiãpi (cinco vezes a cidade do Rio de Janeiro) não registram uma invasão sequer. "Os Waiãpi são um dos únicos povos indígenas que mantiveram sua identidade e autonomia após o contato com o homem branco", atesta o antropólogo Antonio Pereira Neto, o *Toninho*, agente da Funai em Macapá.

A resistência Waiãpi às seduções da civilização contemporânea parece estar fundada numa consciência inabalável sobre a importância de suas tradições. "Não queremos casa, carro e avião como os Caiapó (do Pará), porque são conseguidos com a destruição, a doença e a poluição dos rios", diz o cacique Waiwai. Segundo *Toninho*, os Waiãpi têm nomes para todas as suas espécies de árvores, e só de aipim cultivam 12 espécies.

Estrada — Mas os Waiãpi quase desapareceram no início dos anos 70, quando foi aberta a Perimetral Norte, tangenciando suas terras. "A busca de ouro e madeira trouxe a malária e o sarampo. Em 74 só sobravam 70 índios", lembra Militino Mendes, chefe do posto local da Funai, que nasceu entre os Waiãpi.

Normalmente amistosos e festeiros, os Waiãpi declararam guerra aos garimpeiros no final dos anos 70. Após dez anos de conflitos (*ver matéria ao lado*), alguns sangrentos, conseguiram com a ajuda da Polícia Federal *limpar* completamente sua área. A população já subiu de 70 para 392 pessoas — as mulheres se aproximam da média de um filho a cada dois anos — e a demarcação de suas terras começa ainda este mês. Como diz o caboclo Militino, agora ninguém segura os Waiãpi.

Amapari, Amapá — Kátia Maia



Os rios límpidos e as matas abundantes garantem a auto-suficiência dos Waiãpi

Amapari, Amapá — Guilherme Fiuza

Carros, casas e aviões não são anseios dos Waiãpi. Sua obsessão é ter muitos filhos para defender as terras

Invasões não são toleradas

Depois de esperar por dez anos a expulsão da mineradora Tumucumaque de suas terras por via legal, a paciência dos índios Waiãpi se esgotou. Revoltados com a contaminação do rio Inipuku, que causou a morte de dois índios, os Waiãpi reuniram 32 homens e caminharam oito dias (300 km) até o local do garimpo. Lá chegando, arrastaram o avião dos garimpeiros para junto de suas casas e incendiaram tudo. Estava resolvida, em 1990, a principal invasão das terras Waiãpi.

"Waiãpi não quer passar o que passa povo Ianomâmi (recentemente massacrado por garimpeiros)", disse o cacique Kumai à *Folha do Amapá*, do jornalista Elson Martins, jornal que denunciou a disseminação por políticos locais do mito de que as terras Waiãpi são grandes demais para os índios. "Por que é que não precisamos de terra muito grande?", reagiu o chefe Kumai. "Se terra é pequena, o que é que vamos comer? Quando nós vamos caçar, vamos longe. Índio não é igual branco, não. Branco é molinho. Índio anda muito."

As atividades de subsistência dos Waiãpi continuam pautadas por ritmos e padrões tradicionais, como explica a antropóloga Dominique Gallois, estudiosa da nação Waiãpi. "O sistema de ocupação territorial dos Waiãpi obedece a um planejamento de longo prazo, envolvendo a mudança regular das aldeias para zonas fartas em recursos faunísticos, explorados de forma não-predatória."

Resistência — Vítimas de uma campanha difamatória da imprensa conservadora do Amapá, que os acusa de interesse nas riquezas minerais dos índios, Dominique Gallois e o antropólogo da Funai Antonio Pereira Neto são dos poucos brancos que os Waiãpi ainda aceitam. Segundo Gallois, em sua resistência sócio-cultural os índios buscam a autonomia total nas relações com o mundo externo.

E parecem estar conseguindo. Recentemente, os caciques Kumai e Waiwai viajaram a Nova Iorque para negociar seus interesses diretamente com o banco alemão KFW. Voltaram com os US$ 350 mil necessários para finalmente demarcar a Área Waiãpi.

ONG defende a 'modernização' da floresta

■ Saída é viabilizar as atividades dos povos tradicionais

A saída para a Amazônia é a modernização da floresta. Isto não significa substituir as árvores por shopping centers ou passar *highways* por cima dos rios, mas viabilizar as atividades tradicionais dos povos da floresta, marginalizados pelo modelo de desenvolvimento da região. A tese é do Instituto de Estudos Amazônicos e Ambientais (IEA), ONG que elaborou junto aos seringueiros o conceito de Reserva Extrativista, modelo de proteção econômica e ambiental que já cobre 2 milhões de hectares na Amazônia.

"Há um grande abismo no Brasil entre a riqueza do patrimônio natural e a miséria social. Entendemos que a chave deste problema é a democratização do acesso ao capital natural", avalia a antropóloga Mary Allegretti, presidente do conselho diretor e fundadora do IEA. Uma das principais aliadas de Chico Mendes entre 1978 e 88 (quando foi assassinado), Mary Allegretti logo percebeu que as questões social e ambiental estavam entrelaçadas na Amazônia.

Laboratório — Há duas semanas, o IEA realizou no Amapá um *Laboratório Ambiental*, reunindo jornalistas, técnicos e ambientalistas para conhecer e discutir alternativas de desenvolvimento para a Amazônia. A tese da modernização da floresta foi sustentada com a apresentação de vários projetos (principalmente extrativistas), sempre apontando para o incremento da produtividade e a viabilização da comercialização dos produtos nativos.

Uma das iniciativas mais ousadas do IEA para a integração do extrativismo ao mercado é a experiência do produto *Chonk*, produzido pela empresa Nutrimental. Lançado inicialmente no Paraná, o *Chonk* é uma barra energética natural que utiliza castanha produzida pela cooperativa extrativista de Xapuri, no Acre. A empresa compra parte da produção da cooperativa e retorna 2,5% da receita das vendas para os seringueiros.(*G.F.*)